



LÍNGUA INGLESA PARA CRIANÇAS DE 4 E 5 ANOS DE IDADE¹

Débora Wanessa Eskelsen de Sunti*

RESUMO

O objetivo deste artigo foi compreender as ações didático-pedagógicas desenvolvidas pelos professores de Língua Inglesa na Educação Infantil. Os resultados mostram que a ênfase das aulas é na habilidade oral e auditiva, considerando a faixa etária de 4 e 5 anos, que foram os sujeitos participantes da pesquisa, estão começando aprender as letras. O estudo foi realizado no município de Sinop, segundo semestre de 2009 e 2010.

Palavras-chave: Pedagogia. Linguagem. Língua Inglesa. Crianças.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de pesquisa qualitativa de cunho etnográfico com o propósito de compreender o processo de ensino e aprendizagem da Língua Inglesa na Educação Infantil, com crianças de 4 e 5 anos de idade. Para tanto, se fez necessário conhecer as práticas-pedagógicas e materiais didáticos utilizados pelos professores para o ensino da Língua Inglesa com crianças, verificar quais as principais abordagens teóricas utilizadas pelos professores através de entrevistas e observação de materiais e aulas, além da análise do Projeto Político Pedagógico das escolas envolvidas.

A partir deste objetivo foi importante salientar a inegável importância da Língua Inglesa no mundo globalizado em que se vive, os filmes, jogos e a comunicação pela internet exige cada vez mais o conhecimento da Língua Inglesa. Mas, se por um lado, temos o aumento desta necessidade de conhecimento e uso de outra língua para as novas gerações, de outro, temos as crenças na facilidade de aprendizado na infância de um conjunto de recursos

¹Artigo elaborado a partir do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Pedagogia, do *campus* Universitário de Sinop, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) em 2010. Orientação: Dra Leandra Inês Segnanfredo Santos.

*Graduada em Pedagogia (2010). Cursando a Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa pelo Departamento de Letras da UNEMAT/SINOP (2011/2012).

linguísticos, tais como nos mostram as teorias sobre a construção do conhecimento na infância (RICHTER, 2000).

Para fundamentar cientificamente esta pesquisa embasei-me em teóricos que investigam a educação infantil e esta modalidade de ensino, tais como: Gramsci (1981), Fraenkel (2002), Phillips (2003), Santos (2005, 2009), Pinter (2006), Phillips (2003), Richter (2000), Cristovão e Gamero (2009), Zilles (2006), Phillips (2003) e Pires (2001). Além destes estudiosos, utilizei a LDB (9394/96) e os Referenciais Curriculares Nacionais de Educação Infantil (1998) como suporte legal do tema.

Para definição do trajeto metodológico, em que optei por um estudo qualitativo, utilizei de pressupostos defendidos por Spradley (1980), Santos (2005) e Menga e André (1986). Utilizei da observação participante sugerida por Spradley (1980) e escolhi como lócus desta pesquisa uma cidade do norte de Mato Grosso, em duas escolas da rede privada, sendo os sujeitos colaboradores professores que lecionam Língua Inglesa na Educação Infantil, em idade entre 4 e 5 anos.

2 COMO AS AULAS ERAM DESENVOLVIDAS

Nas duas escolas (A e B) as aulas de Língua Inglesa (LI), têm duração de 45 minutos, uma vez por semana. Ao analisar o PPP verifiquei que na escola A não havia nenhum registro sobre as aulas de LI, a escola B possuía registro dos seus objetivos e conteúdos propostos para cada faixa etária. As escolas possuem as mobílias adequadas para a idade das crianças e são climatizadas, fatores que podem favorecer o ensino e aprendizagem.

É um desafio para os professores de LI para crianças, desenvolverem suas atividades com crianças que ainda não são alfabetizadas na língua materna, pois por conta disso, as atividades e os recursos de leitura e escrita ficam sem significado, neste sentido o professor perde dois instrumentos. Apesar de não serem alfabetizadas, as crianças gostam de brincar com os poucos recursos linguísticos que possuem, como afirma a autora Pinter (2006, p. 20) na citação abaixo:

Durante estes primeiros anos, as crianças são imensamente criativas com a linguagem e gostam de brincar com as palavras. Elas inventam suas próprias palavras, criam brincadeiras e ensaiam mesmo quando elas têm que contar com recursos limitados.

A ênfase nas aulas é na habilidade oral e auditiva porque a faixa etária de 4 e 5 anos estão começando aprender as letras. Em algumas tarefas, entretanto o professor A pedia para

que as crianças escrevessem (copiassem) a palavra em inglês. Também pedia para que eles soletrassem em português as palavras que ele escrevia no quadro em inglês.

As aulas de LI precisam estar no ritmo desta faixa etária da Educação Infantil (EI), não podem deixar de fora, portanto, o movimento. Nas palavras de Pinter (2006, p.2) as crianças gostam de “[...] fantasia, imaginação e movimento [...]”, aspectos que são fundamentais para a faixa etária. As crianças vão para a escola com o objetivo maior de socializar a brincadeira, e através dessa socialização aprendem novos conceitos sobre as disciplinas. Os professores, nos excertos das entrevistas abaixo, procuram explicar como desenvolvem suas aulas.

(01) PROFESSOR A, 24/06/2009 - Inicialmente com a repetição. Todas as aulas a gente repete o vocabulário que aprendeu anteriormente [...] principalmente focando muito nos números, nas cores e nas formas geométricas. Depois disso, eu converso, mostro figurinhas [...] dou trabalhinho que eu trouxe. Se for frutas eu trago frutas, se for animaizinhos, no começo do mês fomos numa chácara, então eles viram os animaizinhos, então eu mostro pra eles o que é, depois vou trabalhando em sala

(02) PROFESSOR B, 09/08/2010 - Minhas aulas são muito dinâmicas, sempre utilizo o conhecimento prévio que os alunos possuem sobre o assunto abordado, assim eles participam mais das aulas. Além disso, trabalho não só a escrita, mas principalmente a pronúncia, através da repetição para que possam melhorar a pronúncia.

Fraenkel (2002), Phillips (2003) e Zilles (2006), discorrem sobre a questão da pronúncia perfeita de um falante nativo. Ponderam que o sotaque da Língua Estrangeira (LE) varia de acordo com o grau de instrução, cultura e classe social. Os professores que ensinam a língua também não são nativos e em muitas vezes não aprenderam o idioma por professor que seja falante nativo. Defendem que as pessoas falam com sotaque de acordo com a região em que vivem, então para exigir a pronúncia perfeita entende-se que o professor precisa decidir qual região é a referencia.

Zilles (2006) assevera que o ensino da LI não pode focar-se no ensino de palavras isoladas. Ao ensinarmos a língua materna para uma criança na maioria das vezes falamos frases, inserimos artigos e diminutivos na língua alvo. Nas práticas observadas por esta autora e nesta pesquisa, o ensino vem sendo desenvolvido a partir de palavras isoladas em Língua Inglesa na frase Língua Portuguesa. Para ela esse procedimento de aprender vocabulário previamente não é necessário. Assevera que:

[...] se pode alegar que essa prática se restringe a um primeiro momento e que, uma vez alcançado o conhecimento e o domínio de um conjunto X de palavras, as crianças começarão a aprender frases e textos. Um dos problemas em relação a esta postura é que este segundo momento pode demorar muito a chegar, e quando vier, as crianças poderão já ter perdido o gosto, o interesse e a alegada facilidade de aprender línguas naturalmente (ZILLES, 2006, p.6).

O professor A, expõe a questão da repetição oral do vocabulário, e nas observações participantes percebi que ambos professores utilizam desta metodologia em suas aulas. Esta característica desenvolvida no processo de ensino e aprendizagem de LI na EI é de acordo com Lightbown e Spada (2003, p. 1):

Tradição behaviorista que acredita que aprender linguagem é uma simples questão de imitação e formação de hábito. As crianças imitam os sons e padrões cujo elas ouvem ao redor delas e recebem reforço positivo (cujo poderia assumir forma de elogio ou somente comunicação bem sucedida) para fazê-lo.

Na medida em que as crianças repetem a pronúncia de acordo com que o professor fala, recebem o reforço positivo para que continuem com o bom desempenho em imitar. Desta forma, como a posição behaviorista defende, as crianças desenvolvem o hábito de repetir, assim adquirindo a linguagem, quanto mais forem expostas aos falantes da língua alvo, mais rapidamente irão adquirir a linguagem.

Para a professora B, aula dinâmica é utilizar da teoria sócio-construtivista, que considera os conhecimentos prévios dos alunos para que eles participem das atividades, trabalhando principalmente a pronúncia. Ambos professores trabalham a LI utilizando-se do contexto que as crianças vivem e de seus conhecimentos prévios, teoria relacionada com o construtivismo, que busca aproximar a criança do objeto a ser estudado, lhe atribuindo significado. Na citação abaixo, Vygotsky (1991, p.149) descreve como as crianças conseguem compartilhar as experiências de aprendizado.

Ao longo do desenvolvimento das funções superiores - ou seja, ao longo da internalização do processo de conhecimento - os aspectos particulares da existência social humana refletem-se na cognição humana: um indivíduo tem a capacidade de expressar e compartilhar com os outros membros de seu grupo social o entendimento que ele tem da experiência comum ao grupo.

As características de fantasia, imaginação e movimento, que segundo Pinter (2006), as crianças gostam, foram desenvolvidas durante o período de observação pelo professor pedagogo (A) e professora formada em Letras (B). Exemplo de uma atividade que foi desenvolvida essas características: estavam aprendendo que mão em inglês chama-se *hand*, o

teacher carimbou a *hand* das crianças no papel pardo, e fez um cartaz para expor na classe. Ele também utilizou de atividades de colorir, desenhar, relação de colunas, contação de histórias a partir de livros e quadro branco, repetição da oralidade, passeios nos ambientes da escola para nomear os objetos que sabem e os que iriam aprender.

Para as tarefas de casa o professor A, utilizou de algumas metodologias citadas acima e também de recortar e colar as letras de alguma palavra em inglês, no caso *bird*, e depois desenhar um. Em todas as aulas as crianças recebiam tarefas de casa, que eram coladas no mesmo caderno das tarefas da língua materna. Ao iniciar a aula o professor fazia um *feedback* oral de todo vocabulário aprendido até então. As crianças sempre eram muito participativas durante o *feedback*, e isso é bom, conforme defende Phillips (2003, p. 11), pois

[...] é um tempo da aula quando as crianças e o professor conseguem olhar para trás, e refletir sobre o que aprenderam, o que eles vem aprendendo. Pode ser através de um tipo de espaço para respirar, um momento de silêncio antes de ir para a próxima atividade ou área da linguagem.

A professora B, iniciava suas aulas com a explicação do conteúdo a ser aprendido no dia, buscava a participação das crianças através de seus conhecimentos prévios, em seguida distribuía as atividades em folhas A4 para elas preencherem seus nomes (*student, teacher*) e série (*class*). As atividades eram de colorir, ligar, pontilhar, copiar, completar e marcar x, músicas, repetição da pronúncia. Colava as tarefas em caderno especial da disciplina de LI.

Todas as crianças conhecem os professores de LI por *teacher*. O professor A quando chegava à classe cumprimentava as crianças com “– *Hello*” e despedia-se com “– *Bye-bye*”, as crianças respondiam ativamente. Alguns demonstravam curiosidade em saber mais nomes em inglês, então assim que surgiam dúvidas, eles perguntam para o professor. Como exemplo, na atividade da *hand*, mencionada anteriormente, um aluno queria saber como se diz papel em inglês. O professor aproveitou a oportunidade da curiosidade típica infantil e ensinou a classe.

A professora B chegava à classe cumprimentava as crianças com “– *Hello, class*” e as crianças respondiam “– *Hello, teacher!*” Seguia com “– *How are you?*” e elas respondiam “– *I’m fine*”. Iniciava a explicação utilizando-se da LI, “– *Pay attention please a teacher vai explicar a homework*” e seguia com as explicações. Quando as crianças começavam com conversa paralela durante a realização da atividade, a professora chamava a atenção “*stop* com a conversa para poderem se concentrar, caso contrário, não dará tempo de terminar”. Despedia-se com “– *Bye-bye*” e “– *Kisses*”.

Esta sequência de falas da professora com os alunos com perguntas e respostas prontas são chamadas de *chunks*. Santos (2009) define *chunks* como fragmentos utilizados nas falas

reais. Utilizar deste recurso como rotina nas aulas, é uma opção de atividade de comunicação, o que não quer dizer que a criança esteja alfabetizada na LI, porém em situações do dia a dia, a criança poderá utilizar-se delas para ter os primeiros contatos de comunicação.

Misturar os dois códigos lingüísticos de Língua Inglesa e Língua Materna não é bom. Pires (2001) explica que ao realizar esse processo estamos ferindo a gramática das línguas. Abaixo um exemplo de seu trabalho de dissertação, em que a professora colaboradora da pesquisa, ao ensinar LI para crianças, misturava os dois códigos lingüísticos, assim ferindo as gramáticas.

[...] “Bobby, tu quer dar um *kiss* no pessoal?” Esse exemplo condiz com a gramática da língua portuguesa (alguém dá *um beijo em* alguém) e fere a regência que a expressão “dar um beijo” exige em inglês: *to give somebody a kiss* (alguém dá *alguém um beijo*). Por exemplo: “*Bobby, do you want to give the children a kiss?*” Ao invés disso, as crianças ouvem a palavra *Kiss* como uma regência verbal e uma ordenação frasal que jamais ocorre na língua alvo [...] (PIRES, 2001, p.87).

Recomenda que se devam ensinar sentenças ou expressões inteiras na língua alvo ou usar as “usar as palavras em inglês sempre sozinhas ou em explicações necessárias” (PIRES, 2001, p.88).

A professora B, utiliza-se da LI além do tema proposto para a aula, como por exemplo: no momento da explicação diz que poderão utilizar o “– *Color pencil*”, no momento em que chama as crianças para pegarem seu caderno para guardarem na mochila, diz: “– *Come here* para guardar seu *notebook*”. Quando uma aluna veio tristonha a professora a acalmou dizendo que “– A mamãe quer vê-la *happy*”. A *teacher* pergunta para a aluna: “– Você sabe o que é *happy*?” A criança responde que não. A *teacher* diz: “– *Happy* é feliz”.

É recomendado que os professores utilizem o máximo da LI no desenvolvimento das aulas, porque é o professor que consegue oferecer a “[...] familiarização das crianças com os sons a nova língua, processo similar que ao que acontece nos primeiros anos de vida, quando adquirem sua Língua Materna [...]” (SANTOS, 2009a, p.37).

Ao final da aula, a professora B também utilizava-se de canções, as crianças gostavam. Pedia-lhes sugestões para as crianças, sobre qual *song* gostariam de cantar, fazia exigências de que a canção deveria ser alguma em LI. Seguem letras de algumas músicas cantadas durante as observações:

QUADRO A - MÚSICAS INFANTIS DE LÍNGUA INGLESA

MY LOLIPOP IS GREEN AND VERY SWEET MY LOLIP IS GREEN AND I LOVE IT Foram alterando a cor.	THE TEACHER GOES TO SCHOOL, LA LA LA LA THE BOY GOES TO SCHOOL, LA LA LA LA THE GIRL GOES TO SCHOOL, LA LA LA LA	LITTLE LITTLE CAT LITTLE LITTLE CAT (meow meow meow) Foram alterando o animal e o som que ele produz.
---	---	---

Fonte: Elaborado pela autora, 2010.

A música é instrumento de motivação para a aprendizagem de LI, era visível a motivação que as crianças tinham em participar desta atividade. Referente a este aspecto, Phillips assevera que:

Música e ritmo são partes essenciais da aprendizagem da linguagem para jovens aprendizes. Crianças realmente gostam de aprender e cantar canções [...] Música e ritmo tornam muito mais fácil de imitar e lembrar da linguagem, das palavras que são ‘apenas faladas’ [...] (PHILLIPS, 2003, p. 100).

As crianças aproximavam-se dos professores A e B quando entravam na classe, os abraçavam, parecia que todos precisam de atenção para iniciar a aula. Demonstravam gostar das aulas, pois durante a aulas sempre mostravam-se envolvidos e interessados nas atividades. Pinter (2006) argumenta que o professor é o maior motivador, para o interesse em participação nas aulas e de aprender LI.

Muitas crianças também dizem que elas gostam de Inglês porque elas gostam do professor. Portanto crianças são intrinsecamente motivadas o que significa que elas querem aprender porque elas gostam do processo de aprender Inglês para seu próprio bem (PINTER, 2006, p. 37).

Os professores A e B anseiam que seus alunos consigam se comunicar utilizando a LI.

Em casa existe a possibilidade dos pais terem o conhecimento da LI, no caso do professor A.

Acredito que a comunicação que os professores anseiam, sejam também, para as relações futuras de trabalhos que são almeçadas pelos próprios pais, leituras, viagens, entre outros.

3 CONSIDERAÇÕES

A Educação Infantil representa uma fase de desenvolvimento importante para as pessoas, porque é a partir dela, que nos tornamos adultos inteligentes, seguros e comunicativos. Por entender sua importância, bem como das novas práticas que nela veem sendo desenvolvidas, resolvi compreender como é desenvolvido o processo de ensino e aprendizagem da LI com crianças da EI, através de revisão bibliográfica, observação participante e entrevistas.

Durante as observações participantes e entrevistas, compreendi que a ênfase das aulas é na habilidade oral e auditiva, considerando que a faixa etária de 4 e 5 anos, que foram os sujeitos da pesquisa, estão começando aprender as letras. Os professores desenvolvem estas habilidades com exercícios de repetição de vocabulário para que a ‘pronúncia seja perfeita’, no caso das aulas observadas – repetem palavras isoladas que, de acordo com Zilles (2006), não seria uma prática aconselhada visto que quando conversamos com crianças que estão aprendendo a falar inserimos artigos, diminutivos, adjetivos entre outros.

Fraenkel (2002), Phillips (2003) e Zilles (2006) explicaram que, fatores como o grau de instrução, cultura e classe social causam influência na fala, portanto não há como generalizar a pronúncia perfeita, pois para isso é preciso escolher a região que se deseja seguir – em cada região há um sotaque. Essa prática de aprender através da imitação é ligada a tradição behaviorista, e prescreve que as crianças adquirem a linguagem a partir da imitação dos adultos.

Observei que, ambos professores trabalham com os conhecimentos prévios das crianças para inserirem novos vocabulários. As crianças vão para a escola com o objetivo maior de socializar a brincadeira e através dessa socialização aprendem novos conceitos sobre as disciplinas. Evidenciei que as crianças eram curiosas e sempre queriam saber mais palavras em inglês e demonstravam muito carinho pelos professores de LI.

As práticas pedagógicas envolviam músicas, as crianças gostavam de aprender, sentiam-se motivadas. Além de ser atividades que cativam as crianças, quando elas estão cativadas e motivadas, sentem-se mais confiantes para participarem de novos desafios como elencaram as autoras Phillips (2003) e Pinter (2006).

Penso que se os professores, ao invés de ensinar palavras isoladas a cada aula, introduzissem mais expressões, frases prontas com as palavras que pretendem focalizar, e se continuassem com a atividade de *feedback* oral ao final de um ano letivo as crianças seriam capazes de comunicar-se melhor com o professor, com os colegas e em todas as situações que tivessem oportunidades de utilizarem-se da LI.

ENGLISH LANGUAGE FOR CHILDREN OF 4 AND 5 YEARS OLD

ABSTRACT²

The objective of this article was to understand the teaching and pedagogical actions developed by English Language's teachers in the Childhood Education. The results showed that the emphasis of the classes is the oral and hearing ability, because at the age of 4 and 5 years, who were the subjects of this research, children are starting to learn the letters.

Keywords: Pedagogy. Language. English Language. Children.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 9.394. Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CRISTOVAO, Vera Lucia Lopes; GAMERO, Raquel. Brincar aprendendo ou aprender brincando? O inglês na infância. In: **Trabalhos em Linguística Aplicada**. 2009, vol.48, n.2, p. 229-245.

FRAENKEL, A., HAILL, R.; ORIORDAN, S. **English Language, Life & Culture**. Great Britain. Cox & Wyman. Ltda, 2002.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da História**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1981.

LIGHTBOWN, P. M.; SPADA, N. **How languages are learned**. New York: OUP, 2003.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. "Yes, nós temos bananas" ou "Paraíba não é Chicago não". Um estudo sobre a alienação e o ensino de inglês como língua estrangeira no Brasil. In: _____. **Oficina de linguística aplicada**. Campinas: Mercado de Letras, 1996. p.37-62.

PINTER, A. **Teaching Young Learners**. Oxford: OUP, 2006.

PIRES, S. S. **Vantagens e desvantagens do ensino de língua estrangeira na educação infantil: um estudo de caso**. 2001. 131p. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2001.

² Tradução realizada pela aluna Débora Wanessa Eskelsen de Sunti, do Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Línguas Portuguesa e Inglesa e revisão pela professora Catichilene Gomes de Sousa. (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).

PHILLIPS, Sarah. **Young Learners**. Oxford: OUP, 2003.

PROFESSOR A. **Professor A**. depoimento. [24 jun. 2009]. Entrevistadora: Débora Wanessa Eskelsen de Sunti. Sinop, MT, 2009. Gravação digital. (2 min e 36 seg). Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso (TCC).

PROFESSORA A. **Professora B**. depoimento. [09 ago. 2010]. Entrevistadora: Débora Wanessa Eskelsen de Sunti. Sinop, MT, 2009. Gravação digital. (3 min e 8 seg). Entrevista concedida para o trabalho de conclusão de curso (TCC).

RICHTER, Marcos Gustavo. **Ensino do Português e Interatividade**. Santa Maria: UFSM, 2000.

SANTOS, L. I. S. **Crenças acerca da inclusão de língua inglesa nas séries iniciais: quanto antes melhor?** 2005. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Linguagem, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá. 2005.

SANTOS, L. I. S. **Língua Inglesa em anos iniciais do Ensino Fundamental: fazer pedagógico e formação docente**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual Paulista - São José do Rio Preto. 2009.

SPRADLEY, James P. **Participant observation**. Orlando, Flórida: Holt, 1980.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 4.ed. São Paulo: Martins, Fontes, 1991.

ZILLES, Ana Maria S. **Ensino de línguas estrangeiras na educação infantil**. Ano III, nº 2, jul/dez de 2006. Disponível em:
<<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=5&s=9&a=33>>. Acesso em: 06 out. 2009.